



**Francisco Simões**  
Investigador Auxiliar ISCTE

# Será a democracia a funcionar?

**A**s análises à noite eleitoral foram múltiplas, embora pouco variadas, seja na forma ou no conteúdo. Nada mais havendo a acrescentar, opto por escrutinar o tortuoso processo que nos trouxe aqui, em meia dúzia de notas para memória futura.

O falso hiper-realismo. Esta foi a tônica dominante da campanha. Terminados os debates, ainda em período de pré-campanha, decidi a generalidade dos partidos meter-se por veredas inclinadas e caindo a pique sobre o vazio. Aos já habituais bailaricos e às normas arruadas, juntaram-lhe peregrinações e duelos sobre a areia, voltinhas de mota ou na traineira de um amigo, *sky diving* e coreografias em grupo, urgências gástricas. A tentativa incessante de proximidade e humanização das lideranças gera suspeitas. Quem tanto se esforça por ser humano assim, no espaço de quinze dias, talvez duvide da humanidade e da bondade das suas ações, no restante ano político, assim concluem os eleitores. Moderação re-

comenda-se. E mais ideias, se faz favor.

O primado da mentira. É irónico que um dos motes para o hiper-realismo da campanha seja a sua antítese: a propagação da mentira em doses abundantes como nunca. Esta minha ilação assenta em pouca evidência, embora a que existe seja robusta. Não convivendo nas bolhas de desinformação, não

**Se me disserem que isto é  
a democracia a funcionar  
(...) digo que têm razão.  
Acrescento apenas que é  
a democracia a  
funcionar mal.**

esperava que o algoritmo me servisse tantos e tão elaborados memes e vídeos falsos. Foi, porém, bastante instrutiva essa experiência, sobretudo para anotar a forma acriticamente convicta como muitos tomam essas mensagens como verdadeiras. Move-as o ressentimento,

outra vez vencedor à falta de debate e esperança.

A cacofonia. A tudo isto assistiu a comunicação social, incerta entre o seu dever de informar, em vez de entreter ou a possibilidade de entreter, mesmo que não informando. Alimentar cinco canais por cabo em permanência, com ciclos noticiosos cada vez mais curtos, impele os jornalistas para a disputa de audiências e, com isso, a cortejar o ridículo. Se porventura o papel do jornalismo é questionado, reagem as redações com indignação, negando sempre o seu papel nesse jogo. Pergunto-me: qual será o próximo passo? Talvez seja instalar *bodycams* nos fatos ou nos vestidos dos líderes partidários, para que não nos escape mesmo nada. Já estivemos mais longe disso, parece-me.

As alucinações. Estando os votos contados, desfilam as lideranças, fazendo o ponto de situação. Pelo menos nesse particular, mantém-se alguma coerência. Há os que nunca perdem e ainda esperam eleger mais um deputado

– mesmo que os resultados os desmintam. Há os que perdem e, apesar de varridos do mapa eleitoral, insistem, simplesmente porque o ego não lhes permite outra atitude. Há os que perdem, mas não sabem perder, condicionando aqueles que se seguem antes de saírem de cena. E há os que ganham, gabando-se com arrogância de uma vitória que, na realidade, não lhes garante nada. E em menos de nada, o hiper-realismo da campanha esfuma-se a favor da “narrativa” do costume.

Se me disserem que isto é a democracia a funcionar, como alguns amigos insistem, digo que têm razão. Acrescento apenas que é a democracia a funcionar mal. E não, não penso deste modo porque o resultado é contrário às minhas convicções. O importante, neste caso, é mesmo o processo. E há que repensá-lo, de uma vez por todas. ■